

Roberto Bolaño

O Espírito da Ficção Científica

Tradução de Cristina Rodriguez e de Artur Guerra

Para Carolina López.



— PERMITE-ME QUE LHE FAÇA UMA ENTREVISTA?

— Sim, mas que seja breve.

— O senhor já sabe que é o autor mais jovem a ganhar este prémio?

— A sério?

— Acabo de falar com um dos organizadores. Deu-me a impressão de que estavam impressionados.

— Não sei o que dizer-lhe... É uma honra... Sinto-me muito contente.

— Toda a gente parece contente. O que é que o senhor bebeu?

— Tequila.

— Eu, vodca. A vodca é uma bebida estranha, não acha? Não são muitas as mulheres que a bebem. Vodca pura.

— Não sei o que é que as mulheres bebem.

— Ah, não? Enfim, tanto faz, a bebida das mulheres é sempre secreta. Estou a referir-me à autêntica. À beberagem infinita. Mas não falemos disso. Está uma noite claríssima, não acha? Daqui podem contemplar-se as povoações mais afastadas e as estrelas mais distantes.

— É um efeito ótico, menina. Se reparar com cuidado observará que os vidros das janelas estão embaciados de uma forma muito curiosa. Venha até ao terraço, julgo que estamos mesmo no meio da floresta. Praticamente só podemos ver ramos de árvores.

— Então essas estrelas são de papel, claro. E as luzes das povoações?

— Areia fosforescente.

— Como o senhor é esperto! Por favor, fale-me da sua obra. De si e da sua obra.

— Sinto-me um pouco nervoso, sabe? Toda aquela gente ali a cantar e a dançar sem parar, não sei...

— Não gosta da festa?

— Acho que estão todos bêbedos.

— São os vencedores e finalistas de todos os prémios anteriores.

— Santo Deus.

— Estão a celebrar o fim de outro certame. É... natural.

PELA CABEÇA DE JAN PASSARAM OS FANTASMAS e os dias fantasmagóricos, creio que foi rápido, um suspiro e já só restava Jan no chão a transpirar e a dar gritos de dor. Também é preciso destacar os seus gestos, as voltas dos seus gestos gelados, como que a dar-me a entender que havia qualquer coisa no teto. O quê? Disse eu enquanto o meu indicador subia e descia com uma lentidão exasperante, ai, merda, disse Jan, as dores que eu tenho, ratazanas, ratazanas alpinistas, estúpido, e depois disse ah, ah, ah e eu segurei-o pelos braços, ou apertei-o, e foi então que me apercebi de que não só transpirava rios de suor como o rio era frio. Sei que devia ter saído disparado para procurar um médico, mas intuí que ele não queria ficar sozinho. Ou talvez eu tenha tido medo de sair. (Nessa noite soube que a noite era verdadeiramente grande.) Na realidade, visto de uma certa perspectiva, penso que a Jan lhe era indiferente que eu ficasse ou saísse — mas não queria um médico. Disse-lhe, por isso, não morras, estás tal qual o príncipe Idiota; trazia-te um espelho se tivéssemos um espelho, mas como não temos, acredita em mim, e tenta relaxar e não me morras. Então — mas antes transpirou pelo menos um rio norueguês — disse que o teto do nosso quarto estava cheio de ratazanas

mutantes, não as ouves?, sussurrou com a minha mão sobre a testa dela e eu disse sim, é a primeira vez que oiço guinchos de ratazanas no teto de um quarto de terraço de um oitavo piso. Ah, disse Jan. Pobre Posadas, disse ele. O seu corpo era tão magro e longo que prometi a mim mesmo que no futuro me preocuparia mais com a comida. Depois pareceu ficar adormecido, com os olhos semicerrados, de cara para a parede. Acendi um cigarro. Pela nossa única janela começaram a aparecer os primeiros raiosinhos do amanhecer. A avenida, mais abaixo, continuava escura e deserta de gente, mas os carros circulavam com uma certa regularidade. De repente, atrás de mim, senti o ressonar de Jan. Olhei para ele, dormia, nu em cima do pequeno colchão sem lençóis, sobre a testa uma madeixa de cabelo louro que pouco a pouco ia secando. Apoiei-me na parede e deixei-me escorregar até ficar sentado num canto. Enquadrado pela janela passou um avião: luzes vermelhas, verdes, azuis, amarelas, a oval de um arco-íris. Fechei os olhos e pensei nos últimos dias, nas grandes cenas tristes e no que podia apalpar e ver, depois despi-me e deitei-me no meu pequeno colchão e tentei imaginar os pesadelos de Jan e, de repente, antes de adormecer, como se mo ditassem, tive a certeza de que Jan tinha sentido muitas coisas naquela noite, mas não medo.

QUERIDA ALICE SHELDON,

Só queria dizer-lhe que a admiro profundamente... Li os seus livros com devoção... Quando tive de me desfazer da minha biblioteca — que nunca foi grande mas também não era pequena — não fui capaz de oferecer todas as suas obras... Por isso conservo *En la cima del mundo*¹ e às vezes recito de cor alguns pedaços... Para mim mesmo... Também li os seus contos, mas estes infelizmente fui-os perdendo... Aqui apareceram em antologias e revistas, e algumas chegavam à minha cidade... Havia um tipo que me emprestava coisas esquisitas... E também conheci um escritor de ficção científica... Segundo muitos o único escritor de ficção científica do meu país... Mas eu não acredito... Remo conta-me que há mais de dez ou quinze anos a mãe dele conheceu outro... Chamava-se González, ou assim julga recordar-se o meu amigo, e era funcionário do departamento de estatística do Hospital de Valparaíso... Dava dinheiro à mãe de Remo e às outras raparigas para que lhe comprassem o seu romance... Editado com o próprio dinheiro... Assim eram as tardes de Valparaíso, completamente vermelhas

¹ Título original: *Up the Walls of the World*. (N. dos T.)

e estriadas... González esperava fora da livraria e a mãe de Remo entrava e comprava o livro... E é claro que só venderam os livros que as raparigas e os rapazes do departamento de estatística compravam... Remo lembra-se dos seus nomes: Maite, dona Lucía, Rabanales, Pereira... Mas não do título do livro... *Invasão Marciana... Voo à Nebulosa de Andrómeda... O Segredo dos Andes...* Não imagino... Talvez um dia encontre um exemplar... Depois de o ler enviá-lo-ei como uma modestíssima retribuição pelas horas de alegria que a senhora me deu...

O seu,
Jan Schrella.

— FALEMOS ENTÃO DA OBRA VENCEDORA.

— Bom, não há muito a dizer. Quer que lhe diga do que trata?

— Ficaria encantada de o ouvir.

— Tudo começa em Santa Bárbara, uma aldeia perto dos Andes, no Sul do Chile. É uma aldeia horrorosa, pelo menos da forma como eu a vejo, nada parecida com estas lindas aldeiazinhas mexicanas. No entanto, tem uma característica que a enobrece: todas as casas são de madeira. Devo confessar-lhe que nunca lá estive, mas posso imaginá-la desta maneira: casas de madeira, ruas por pavimentar, fachadas que percorrem todos os tons de castanho, passeios inexistentes ou então, como nos filmes do Oeste, passadiços desiguais de madeira para que nas épocas de chuva a lama não entre nas casas. Nessa Santa Bárbara dos pesadelos ou das cercas começa a história. Para sermos precisos, na Academia da Papa ou da Batata, uma espécie de celeiro de três pisos, com cata-vento de ferro forjado no telhado, provavelmente o edifício mais desolado da rua Galvarino e que clandestinamente é uma das muitas faculdades espalhadas pelo mundo da Universidade Desconhecida.

— Isso é do mais intrigante, conte, conte.

— No primeiro piso só há duas divisões. A primeira é enorme, antigamente guardavam-se ali até tratores; a outra é pequeníssima e fica num canto. Na divisão grande há várias mesas, cadeiras, arquivos, até sacos de dormir e pequenos colchões. Pregados nas paredes podem ver-se cartazes e desenhos de diferentes tipos de tubérculos. Na divisão pequena não há nada. É uma divisão com o chão, o teto e as paredes de madeira, mas não madeira velha dos anos em que se construiu o celeiro, mas madeira nova, bem cortada e polida, de um negro quase azeviche. Não estou a aborrecê-la?

— Não, continue, continue. Isto para mim é um repouso. Não sabe a quantidade de entrevistas que fiz esta manhã na Cidade do México. Nós, jornalistas, trabalhamos como escravos.

— Muito bem. No segundo piso, a que se sobe por uma escada sem corrimão, há mais dois quartos, ambos com as mesmas dimensões. Num há várias cadeiras, todas diferentes, uma secretária, um quadro preto e outros apetrechos que dão uma ideia muito vaga e distante, esbatida até, de uma sala de aulas. No outro não há senão ferramentas agrícolas velhas e ferrugentas. Finalmente, no terceiro piso, ao qual se acede pelo quarto das ferramentas, encontramos um equipamento de rádioamador e uma profusão de mapas espalhados pelo chão, um pequeno emissor que transmite em FM, um equipamento de gravação semiprofissional, uma série de amplificadores japoneses, etc. Digo etcétera porque o que eu não lhe contei não tem importância ou irá depois saindo, e a senhora ficará a saber nesse momento com todos os pormenores.

— Querido amigo, mas que suspense!

— Evitemos as observações irónicas. Dizia eu que no terceiro piso, na realidade uma única e enorme divisão em jeito de sótão, encontravam-se espalhados todos aqueles engenhos

da comunicação moderna ou quase moderna. O equipamento de radioamador é o único sobrevivente de vários engenhos modernos que se utilizavam na Academia para uso escolar e que a fome do encarregado e a falta de assistência aparente que a U.D. geralmente mostra obrigaram a vender. A desordem que ali reina é total, dir-se-ia que há meses ninguém se deu ao trabalho de varrer ou esfregar. O quarto tem duas janelas, poucas para o seu tamanho, ambas com persianas de madeira. Na que fica virada para leste observa-se a cordilheira. Na outra, o panorama é uma floresta interminável e o início de um caminho ou o fim.

— Uma paisagem idílica.

— Uma paisagem idílica ou uma paisagem aterradora, consoante se vir.

— Mmmmm...

— A Academia é rodeada por um pátio. Antigamente acumulavam-se ali carroças e camiões. Agora no pátio não há qualquer veículo exceto a BMX do encarregado, um homem de sessenta e tal anos, amante da vida saudável, daí a bicicleta lá estar. O pátio é rodeado por uma cerca de madeira e arame. Só há duas portas. O portão principal, grande e pesado, em cuja parte exterior está pendurado um cartaz de metal amarelado, com letras pretas que dizem ACADEMIA DA PAPA — INVESTIGAÇÕES ALIMENTÍCIAS 3 e mais abaixo, em letras minúsculas, o nome e o número da rua: *Galvarino 800*. A outra porta fica no que um visitante normal chamaria o pátio das traseiras. Esta porta é pequena e não dá para a rua, mas para um descampado e depois para a floresta e para o caminho.

— Esse caminho é o mesmo que se observa do sótão?

— Sim, o fim do caminho.

— Que bonito deve ser viver num sótão, mesmo que seja pequenino.

- Eu vivi centenas de anos num quarto. Não recomendo.
- Eu não disse um quarto, disse sótão.
- É a mesma coisa. A paisagem é a mesma. Uma paisagem de patíbulo, mas com profundidade. Com amanheceres e entardeceres.

PENSEI QUE ERA UMA CENA IDEAL em torno da qual podiam girar as imagens ou os desejos: um jovem de um metro e setenta e seis, com jeans e T-shirt azul, parado ao sol, na beira do passeio da avenida mais longa da América.

Isto queria dizer que estávamos finalmente no México e que o sol que se destacava por entre os edifícios era o sol da Cidade do México tantas vezes sonhada. Acendi um cigarro e procurei a nossa janela. O edifício onde vivíamos era cinzento-esverdeado, como o uniforme da Wehrmacht, dissera Jan três dias atrás, ao encontrar o quarto. Via-se flores nas varandas dos apartamentos; mais acima, mais pequenas que alguns vasos, ficavam as janelas dos terraços. Estive tentado a gritar a Jan que espreitasse à janela e observasse o nosso futuro. E depois o quê? Sair, dizer-lhe vou-me embora, Jan, vou trazer abacates para o almoço (e leite, embora Jan odiasse leite) e boas notícias, o superdesajeitado, o equilíbrio imaculado, o aselha perpétuo nas antecâmaras do grande trabalho, serei repórter-principal de uma secção de poesia, telefones não me faltavam.

Então o coração começou a martelar de uma forma estranha. Pensei: *Sou uma estátua parada entre a autoestrada e o passeio*. Não gritei. Pus-me a andar. Segundos depois, quando

ainda não tinha saído da sombra do nosso edifício, ou do tecido de sombras que cobria esse troço, apareceu a minha imagem refletida nas vitrinas do Sanborns, estranha cópia mental, um jovem com uma T-shirt azul desfeita e o cabelo comprido, que se inclinava com uma estranha genuflexão perante as joias e os crimes (mas qual joias e quais crimes, esqueci-me imediatamente) com pães e abacates, que dali em diante e para sempre chamaria aguacates, nos braços, e um litro de leite Lala, e os olhos, não os meus mas os que se perdiam no buraco negro da vitrina, apequenados como se de repente tivessem visto o deserto.

Virei-me com um gesto suave. Eu sabia. Jan estava a olhar para mim assomado à janela. Agitei as mãos no ar. Jan gritou qualquer coisa ininteligível e sacou meio corpo para fora. Dei um salto. Jan respondeu movendo a cabeça de trás para a frente e depois em círculos cada vez mais rápidos. Tive medo de que ele se atirasse. Pus-me a rir. As pessoas que passavam ficavam a olhar para mim e depois erguiam o olhar e viam Jan que fazia o gesto de tirar uma perna para fora para dar pontapés numa nuvem. É meu amigo, disse-lhes eu, estamos aqui há poucos dias. Está a dar-me coragem. Vou procurar trabalho. Ah, pois que bem, que bom amigo, disseram alguns e seguiram o seu caminho a sorrir.

Pensei que nunca nos aconteceria nada de mau naquela cidade tão acolhedora. Tão perto e tão longe do que o destino me deparava! Que tristes e transparentes são agora na minha memória aqueles primeiros sorrisos mexicanos!